DESCENDO AO INFERNO DA SUBJETIVIDADE: OS PARADOXOS MNEMÔNICOS EM *O FALSO MENTIROSO*, DE SILVIANO SANTIAGO

GOING DOWN TO THE SUBJECTIVE HELL: MNEMONIC PARADOXES IN SILVIANO SANTIAGO'S *O FALSO MENTIROSO*

Ívens Matozo Silva[1]
Xenia Amaral Matos[2]
Aulus Mandagará Martins[3]

RESUMO: Ao lançarmos um olhar para o atual cenário literário brasileiro, é perceptível a presença de uma profusão de narrativas que possuem seu foco centrado no sujeito, as chamadas *escritas de si*. Como exemplo ilustrativo dessa questão, o romance *O falso mentiroso: memórias* (2004), de Silviano Santiago, destaca-se por trazer à luz da representação problemas inerentes à busca das origens da protagonista Samuel Carneiro, bem como a problemática envolvendo a autobiografia e a autoficção. Diante disso, o presente artigo possui os objetivos de analisar as técnicas narrativas utilizadas pelo autor para realizar um mergulho na consciência da protagonista e propor uma problematização sobre o caráter autobiográfico e autoficcional expresso no romance.

Palavras-chave: *O falso mentiroso*. Identidade. Autobiografia. Autoficção. Silviano Santiago.

INTRODUÇÃO

Ao lançarmos um olhar para o atual cenário literário, é perceptível a presença de uma profusão de narrativas que possuem seu foco centrado no sujeito, as chamadas *escritas de si*. Nesse prisma, diários íntimos, memórias, relatos pessoais, confissões e autobiografias acabaram se tornando produto de consumo corrente e, com isso, passaram a ocupar um lugar de destaque no mercado editorial e a constituírem um terreno fértil para uma variedade heterogênea de estudos teóricos e críticos a respeito dessas escritas.

Nesse contexto, Antoine Compagnon (1999), ao refletir sobre fatores universais analisados pela teoria da literatura e os critérios utilizados para uma melhor interpretação dos textos literários, ao discorrer sobre figura do autor, o teórico identifica a presença de duas correntes apolares. A primeira, denominada tese intencionalista, defende que "a intenção do

[1] Mestrando. Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: ivens_matozo@hotmail.com.
[2] Mestranda. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: lizza_amaral_matos@hotmail.com.
[3] Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: aulus.mm@gmail.com.
Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 172-183, ago. 2016. Recebido em: 20 maio 2016. Aceito em: 19 jul. 2016.

autor é o critério pedagógico ou acadêmico tradicional para estabelecer-se o sentido ao literário" (COMPAGNON, 1999, p. 49); em completa oposição, cita a segunda tese, a antiintencionalista, a qual denunciava o uso da intenção do autor para determinar o significado de uma narrativa, visto que "o sentido de uma obra não é, necessariamente, idêntica à intenção do autor e é mesmo provável que não o seja" (COMPAGNON, 1999, p. 81).

Levando em consideração as reflexões de Compagnon, o que observamos, atualmente, no que concerne ao terreno das narrativas pertencentes à *escrita de si*, é uma verdadeira dissolução das fronteiras entre essas duas teses, uma vez que as atuais produções literárias passaram a apresentar temáticas complexas e discursos situados em um entre-lugar, ou seja, possuindo traços característicos tanto da corrente intencionalista como o da antiintencionalista.

Voltando-se nosso olhar para a ficção brasileira contemporânea, observamos a presença cada vez mais marcante da figura extratextual do autor, de relatos expressos em primeira pessoa e do constante jogo entre a presença de fatos reais misturados a elementos ficcionais. Consoante Tânia Pellegrini (1999), ao examinar a relação da tríade escritor – público – mercado literário, a pesquisadora sublinha a grande importância da imagem pública do escritor, o qual passou a funcionar como uma espécie de "marca literária" ou como um *performance*, o qual possui o papel de instigar a curiosidade e, com isso, conquistar novos leitores. Segundo a autora: "Nunca a imagem do escritor foi tão importante: veiculada pela imprensa e em menor escala pela mídia, chega a substituir a importância da própria obra." (PELLEGRINI, 1999, p. 173).

É nesse ínterim que se torna mister destacar as considerações de Pedro Galas Araújo (2011), o qual propõe uma leitura crítica a respeito de outra tendência do cenário literário brasileiro, ou seja, a tematização do antigo embate estabelecido entre a verdade e a ficção através de relatos que se dizem autoficcionais. De acordo com o autor:

> [...] vê-se também uma profusão de relatos fictícios que incorporam fatos reais vividos por seus autores, e mesmo falsas autobiografias, que imitam seu código e transitam em um terreno de ambiguidade e indecisão entre o que é verdadeiro e o que é falso, inventado (ARAÚJO, 2011, p. 21).

Nesse caminho, conforme aponta o pesquisador, o que encontramos na contemporaneidade é a presença de um terreno nebuloso e repleto de dúvidas e questionamentos norteando as *escritas de si*. Assim, cabe ao leitor a incumbência de tentar decifrar as várias armadilhas ou enigmas apresentados por uma proliferação de obras que ora afirmam dramatizar a vida nua e crua dos escritores, através da apresentação de uma verdade inquestionável, ora afirmam que tudo o que está diante dos olhos do leitor não passa de uma mera invenção.

Vários obras, tais como *Nove Noites* (2002), de Bernardo Carvalho, *O filho eterno* (2012), de Cristovão Tezza, *Divórcio (2013)*, de Ricardo Lísias e, por fim, *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque, só para citar alguns, são exemplares que problematizam a legitimação de uma *escrita de si*, que se pretendia destinada à descrição da verdade e com fronteiras bem delimitadas entre a fantasia e a realidade.

O romance *O falso mentiroso: memórias* (2004), do escritor contemporâneo brasileiro Silviano Santiago, é representativo de uma literatura que discute a tênue linha que separa(ria) o real do ficcional, o autobiográfico do autoficcional, assim como a sanidade da loucura, através da representação de uma personagem totalmente desestabilizada e que luta para descobrir suas origens.

Desse modo, levando em consideração essas premissas, o presente trabalho possui os objetivos de analisar as técnicas narrativas utilizadas pelo autor para realizar um mergulho na consciência da personagem protagonista do romance e propor uma problematização sobre o caráter autoficcional e autobiográfico expresso na obra. Para tanto, o embasamento teórico se ampara nas contribuições prestadas por Doubrovsky (1988), Hall (2002), Klinger (2006), Genette (2009), Lejeune (2012), dentre outros.

Antes de iniciarmos a análise dessa narrativa, torna-se necessário identificarmos algumas características relativas à literatura brasileira contemporânea. Tânia Pellegrini (2001), em ensaio intitulado "Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência", pontua que no atual cenário brasileiro não há mais espaço ou credibilidade para a presença das chamadas "grandes narrativas", em outras palavras, aquelas obras que se destinavam a descrever verdades absolutas.

Além disso, a crítica literária sublinha que uma característica marcante de várias obras é a presença dos chamados "pequenos relatos", concebidos como aquelas produções em que se focalizam o indivíduo atomizado dos grandes centros urbanos, apresentando, dessarte, um retrato quase que instantâneo do cotidiano. Consoante Pellegrini:

> O que cresce é a ficção centrada na vida dos grandes centros urbanos, que incham e se deterioram, daí a ênfase na solidão e angústias relacionadas a todos os problemas sociais e existenciais que se colocam desde então (PELLEGRINI, 2001, p. 59).

Na mesma linha de pensamento, Regina Dalcastagné (2012) destaca que na ficção brasileira contemporânea, abre-se um lugar de destaque para a presença do leitor, o qual deve esquecer e abandonar a antiga posição confortável de testemunha que anteriormente possuía, visto que as atuais narrativas, com o passar dos anos, vêm se fazendo mais complexas, tanto

pelo completo estilhaçamento da ordem linear dos fatos narrados quanto pela nova configuração do narrador.

Dalcastagné parte da ótica de que o narrador está adquirindo um espaço mais amplo em meio à trama e que, ao classificá-lo como "confuso", "obstinado" e "mentiroso", ele passa a exigir a presença de um leitor mais compromissado. Características essas que se intensificam quando se apresentam obras com um narrador em primeira pessoa, o qual, por natureza, já não é confiável por apresentar um discurso repleto de parcialidade. Nas palavras da pesquisadora:

> O espaço da ficção, hoje, é tão ou mais traiçoeiro que o da realidade. Não há a intenção de consolar ninguém, tampouco, de estabelecer verdades definitivas ou lições de vida. Reafirmam-se, no texto, a imprevisibilidade do mundo e as armadilhas do discurso (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 93).

É sob esse horizonte, de narradores e personagens desarvorados e perplexos, que se inscrevem as produções literárias de Silviano Santiago. Entre sua extensa produção literária, destacam-se os romances *Em liberdade* (1981), vencedor do prêmio Jabuti de romance, *Stella Manhattan* (1985), *Heranças* (2008), agraciado com o prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria romance, e, mais recentemente, sua obra *Mil rosas roubadas* (2014) foi o grande vencedor do Prêmio Oceanos, de 2015.

Em *O falso mentiroso: memórias* (2004), romance que foi finalista do prêmio Portugal Telecom, Silviano Santiago abre novos horizontes para refletir sobre o papel da literatura como um lugar de representação simbólica da tênue fronteira que separa(ria) o imaginário do real, assim como uma demonstração das inúmeras faces da arte literária. Tendo como pano de fundo a cidade de Rio de Janeiro, narrado em primeira pessoa e composto por quatorze capítulos, o enredo da diegese centra-se na incansável busca pelas origens da personagem Samuel Carneiro de Souza Aguiar, um homem de sessenta e seis anos, casado com uma esposa surda-muda e pai de dois filhos.

Ao iniciarmos nossa análise, torna-se importante atentarmos para as características paratextuais do romance. De acordo com as reflexões de Gérard Genette (2009), tal conceito abarcaria uma análise do texto em relação à sua estrutura ou organização textual, os quais viriam a enriquecer a obra literária, apresentando, deste modo, um caráter fortemente influenciador na interpretação do leitor.

Como mencionado pelo teórico francês, as características constitutivas do paratexto compreenderiam:

> Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes [...] que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista

> e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende (GENETTE, 2009, p. 10).

Ao propiciar uma "melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente" (GENETTE, 2009, p. 10), primeiramente deparamo-nos com a capa e a contracapa do romance. No que tange à capa, ela nos direciona para um grande questionamento. Ao associarmos o subtítulo da obra, memórias, com o nome do autor do livro em letras com bastante destaque, juntamente com a foto do próprio Silviano Santiago quando bebê, imediatamente somos levados a depreender que o romance se trata de um relato autobiográfico.

Nessa perspectiva, conforme salienta o crítico Luiz Costa Lima, ao nos depararmos com uma autobiografia, cria-se a expectativa de "que o autobiógrafo mostre o seu eu em uma linha de férrea coerência [...] derivará a noção de autobiografia ser o documento de uma vida, narrado pelo mais competente dos narradores" (LIMA, 2007, p. XX), bem como a presença de um relato em que, como destaca o teórico francês Philippe Lejeune, apresente-se uma "relação de intimidade entre o autor, o narrador e o personagem" (LEJEUNE, 2014, p. 18).

Contudo, a constatação de que *O falso mentiroso* é um relato autobiográfico acaba sendo negado quando apreendemos que o romance não apresenta nem uma identidade homonímia entre autor/narrador/herói, nem tratar das memórias de Silviano Santiago, bem como a apresentação de um indivíduo sem máscaras e que se compromete a dizer a verdade. Desse modo, o que realmente se confirma é a descrição de vários paradoxos mnemônicos dramatizados por uma protagonista densa e psicologicamente conturbada, que a todo momento nos deixa em dúvida sobre a veracidade do seu discurso.

Em seguida, na contracapa, o aspecto enigmático da obra de Santiago se faz presente pela informação expressa pela Enciclopédia Mirador acerca do paradoxo atribuído à Euclides de Mileto, o qual parte da premissa de que: "se alguém afirma 'eu minto', e o que diz é verdade, a afirmação é falsa; e se o que diz é falso, a afirmação é verdadeira e, por isso, novamente falsa etc" (contracapa do livro). Essa informação desempenha um papel ímpar ao entrarmos no universo paranoico e fragmentado do narrador-protagonista Samuel, o qual constantemente afirma: "Sou um falso mentiroso" (SANTIAGO, 2014, p. 148).

Outro elemento paratextual que nos auxilia na interpretação do romance é a presença de duas epígrafes que antecedem o texto. A primeira, de Schopenhauer, o qual afirma que "Os pensamentos morrem no momento em que se corporificam em palavras", e a segunda, de Mário de Andrade, descreve "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta". Tal elemento paratextual já nos estabelece o tom de incerteza que é pulverizado em toda a narrativa. Os fragmentos acima

apresentados apontam para o caráter falho da palavra no que tange à transmissão íntegra do pensamento, fato este que pode ser associado à incapacidade de expressão da literatura. Além disso, o excerto do poema de Mário de Andrade já antecipa a personalidade múltipla da protagonista da diegese.

Logo no início do romance, somos imersos nas angústias e no passado, repleto de silêncios e mistérios, que preenchem a vida de Samuel. Nesse prisma, como pode ser analisado no excerto abaixo, reverbera-se na narrativa um tom fortemente pessimista que descreve o grande trauma da protagonista por ter sido abandonada pelos seus pais biológicos quando criança.

> Não tive mãe. Não me lembro da cara dela. Não conheci meu pai. Também não me lembro da cara dele. Não me mostraram foto dos dois. Não sei o nome de cada um. Ninguém quis me descrevê-los com palavras. Também não pedi a ninguém que me dissesse como eram (SANTIAGO, 2004, p. 9).

Após sair de uma habitual seção de tração, é possível observarmos uma verdadeira exteriorização mnemônica da protagonista. Caráter este que faz com que se apresente uma narrativa vertiginosa, em que ao descer até o degrau mais profundo da sua subjetividade, Samuel confessa seus medos, histórias contraditórias e seu abismo identitário.

Desse modo, o sentimento de agonia por não saber maiores informações a respeito da sua própria origem, visto que ele foi adotado por uma rica família de Copacabana, bem como o fato de ter seu passado completamente apagado, acaba servindo como um efeito catalisador para a submersão da protagonista em suas memórias fragmentadas, as quais são apresentadas através de várias anacronias por retrospecção. Além disso, como uma válvula de escape da sua realidade decadente, ele começa a escrever suas reminiscências em seu diário íntimo.

É nesse ínterim que Samuel nos descreve suas lembranças da infância, suas peripécias durante o período escolar e amizade com a personagem Zé Macaco, assim como sua conturbada relação com seu pai e árduo caminho na escolha profissional, até decidir ser um artista. Entretanto, é durante suas rememorações que a protagonista entra em uma completa paranoia e prolifera, em praticamente todo o romance, a dicotomia estabelecida entre o que é verdadeiro e o que é falso.

Conforme podemos observar no excerto a seguir, o narrador nos descreve, entre tantos outros exemplos, a presença da falsidade e da verdade que inundam a sua biografia, até mesmo sua certidão de nascimento:

> Não sei se conto. Conto. Na minha certidão a data de nascimento não é a do meu nascimento. É a data da minha morte para os meus pais. Os verdadeiros. O dia do meu

> nascimento na certidão é o do meu renascimento na casa dos meus pais. Os falsos (SANTIAGO, 2004, p. 48).

A respeito dessa atitude da personagem, de voltar-se ao passado na pretensão de melhor compreender-se, importantes observações são expressas pelo pesquisador Wander Mello Miranda. Segundo ele, no momento em que o indivíduo realiza um esforço para selecionar e recuperar dados inerentes à fatos pretéritos e transpô-los ao papel, acaba ocorrendo um desmembramento entre o sujeito do presente e o sujeito do passado, não ocorrendo, portanto, um verdadeiro reflexo identitário do sujeito que rememora com aquele que é rememorado.

Nas palavras de Miranda:

> A rememoração do passado constitui-se a partir de uma dupla cisão, que concerne, simultaneamente, ao tempo e à identidade: é porque o eu reevocado é diverso do eu atual que este pode afirmar-se em todas as suas prerrogativas. Assim, será contado não apenas o que lhe aconteceu noutro tempo, mas como um outro que ele era tornou-se, de certa forma, ele mesmo (MIRANDA, 1999, p. 39).

Convém observar, a partir das considerações acima, que é justamente por voltar-se ao passado, em uma provável tentativa de melhor compreender o presente com o intuito de se reconstituir como um sujeito pleno, que Samuel afirma ser um indivíduo radicalmente fragmentário, uma vez que todos os seus esforços de autoconhecimento são falhos, fato que acaba o desestruturando ainda mais.

Como resultado, é perceptível uma gradação da complexidade do discurso expresso pelo narrador-protagonista à medida que o romance vai chagando ao fim. Nessa perspectiva, Samuel acaba arquitetando múltiplas versões díspares sobre a sua identidade, cinco ao total, e que ele é um "eu" constituído de um "nós". Como a própria personagem sinaliza:

> A mim? Ou aos vários eus que convivem dentro de mim? Chegou a hora de pôr os pontos nos ii. Não sei por que nestas memórias me expresso pela primeira pessoa do singular. E não pela primeira do plural. Deve haver um *eu* dominante na minha personalidade. Quando escrevo. Ele mastiga e mascara os embriões mais fracos, que vivem em comum como *nós* dentro de mim (SANTIAGO, 2004, p. 135-136).

Mais adiante, em um tom cômico e repleto de paradoxos, reitera seu caráter múltiplo:

> Penso, falo, trepo, escrevo, como, me emociono, gozo, cago, pinto, mijo, existo. Sinto. Quem? Nós. Tenho até o direito de fazer calar esta mão direita que escreve para que os outros mins de mim pensemos, falemos, trepemos, escrevamos, comamos, nos emocionemos, gozemos, caguemos, pintemos, mijemos, existamos. Sintamos. Nós três ou quatro, e até cinco, nos entendemos fraterna e cordialmente pelo *eu* da mão direita. Ou será da mão esquerda? Ou será por causa de um pum da retaguarda? (SANTIAGO, 2004, p. 181).

As atitudes da protagonista, expressos pelos fragmentos acima, que dramatizam o caráter multifacetado de Samuel, coadunam-se com as reflexões de Stuart Hall (2002) ao discorrer sobre a identidade do sujeito contemporâneo.

Segundo o autor, o sujeito pós-moderno, ao contrário das normas Iluministas que se pautavam na presença de uma identidade unificada e estável, caracteriza-se por apresentar uma considerável complexidade no que tange ao reconhecimento da sua própria identidade. Nas palavras do pesquisador:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2002, p. 12).

O excerto, apesar de longo, torna-se de suma importância, pois a protagonista de *O falso mentiroso* apresenta sua identidade tão esfacela que se torna complicado, nesse contexto, pensarmos na manutenção de um indivíduo pleno e com uma identidade única; muito pelo contrário, a diegese prima por apresentar um narrador-protagonista com uma identidade volátil e problematiza, desse modo, a falência de um sujeito pleno, autônomo e centrado, o qual acaba sendo engolido pela névoa de uma memória cheia de mistérios e incompletudes.

Ao observarmos a descrição da sua quinta e última versão sobre o seu nascimento, deparamo-nos com um conteúdo que brinca com a apresentação de dados inerentes à vida pessoal do escritor Silviano Santiago com as da personagem Samuel Carneiro de Souza Aguiar, conforme apresentado abaixo:

> Já que voltei a tocar nas circunstâncias do meu nascimento, adianto. Corre ainda uma quinta versão sobre elas. Teria nascido em Formiga, cidade do interior de Minas Gerais. No dia 29 de setembro de 1936. Filho legítimo de Sebastião Santiago e Noêmia Farnese Santiago. A versão é tão inverossímil, que nunca quis explorá-la (SANTIAGO, 2004, p. 180).

Para melhor interpretarmos o excerto acima, recorremos às considerações teóricas de Serge Dobrovsky (1988) e de Diana Irene Klinger (2006), os quais tematizam a respeito do conceito de autoficção e do impasse entre esta definição em comparação à autobiografia.

Desenvolvido pelo francês Serge Dobrovsky, seu conceito parte do princípio de que a autoficção é um gênero híbrido, ou seja, misturaria traços da realidade com aspectos ficcionais. Assim, nas palavras do crítico francês, "todo o contar de si é ficcionalizante" (DOUBROVSKY, 1988, p. 73 *apud* MARTINS, 2014, p. 147) e assinala que com esse termo, descreve-se "uma 'história' que, qualquer que seja o acúmulo de referências e sua opinião, nunca aconteceu na

'realidade', e cujo único lugar real é o discurso em que se desenrola" (DOUBROVSKY, 1988, p. 73 *apud* MARTINS, 2014, p. 30).

Na mesma esteira, Diana Irene Klinger também apresenta considerações a respeito do conceito de autoficção. Segundo a pesquisadora, ao comparar os aspectos inerentes da autobiografia com os da autoficção, a autora parte da ótica de que esta seria superior às autobiografias, pois ao fundir fatos reais com ficcionais, privilegia-se, como em um palco teatral, um caráter artístico sobre a realidade, ou seja, esta apresenta-se como uma fonte para a ficção. Por conseguinte, Klinger descreve que:

> [...] a ficção seria superior ao discurso autobiográfico pois o romancista (ou o contista) não tem como prioridade contar sua vida mas elaborar um texto artístico, no qual sua vida é uma matéria contingente [...] Assim, o texto literário, privilegiando a função artística sobre o referencial, seria uma forma mais elaborada, e portanto, 'mais verdadeira' que a autobiografia (KLINGER, 2006, p. 42).

Tomando por base os postulados acima, depreende-se que um dos enigmas apresentados em *O falso mentiroso* é o fato do escritor Silviano Santiago se apropriar e brincar com os dois gêneros, apresentando-os na obra em movimentos pendulares, ora demonstrando características autobiográficas, ora autoficcionais, com o intuito de causar um estranhamento ou desconforto no leitor – sentimentos similares aos expressos pelo narrador-protagonista logo no início da narrativa.

A respeito do teor autoficcional expresso na obra, Silviano Santiago, em ensaio intitulado "Meditação sobre o ofício de criar", deixa claro que as características autobiográficas estão presentes em suas produções literárias. Nesse sentido, elas acabam servindo de inspiração para o escritor dar vida a novos personagens e servem, também, como uma fonte explicativa para o leitor. Consoante o escritor e crítico literário:

> Os dados autobiográficos percorrem todos os meus escritos, e, sem dúvida, alavanca-os, deitando por terra a expressão meramente confessional. Os dados autobiográficos servem de alicerce na hora de idealizar e compor meus escritos, e eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los. Traduzem o contexto reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam, e os da existência, que me conformam (SANTIAGO, 2008, p. 173).

Longe de exprimir um caráter explicativo, a inclusão de elementos relativos à vida do autor através do discurso de um falso mentiroso, o qual intenta constituir uma identidade plena por intermédio de suas memórias fragmentadas, mais posicionam o leitor no meio de em espaço de incertezas e complexidades do que em um de compreensibilidade. Fato este expresso pelas próprias palavras de Samuel Carneiro que, ao estabelecer um diálogo com o leitor nas páginas finais do romance, congratula-o por persistir na leitura do inferno da sua subjetividade:

"Agradeço-lhe o voto de confiança [...] Você chegou até aqui. Calculo. A duras penas. Parabéns. Imagino. Suas pernas estão trôpegas e sinalizam cansaço" (SANTIAGO, 2004, p. 174).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivos analisar as técnicas narrativas utilizadas por Silviano Santiago para realizar um mergulho na consciência da personagem protagonista do romance *O falso mentiroso: memórias*, bem como propor uma problematização sobre o aspecto autobiográfico e autoficcional expresso na obra.

A partir da análise apresentada, foi possível verificar que no romance estudado não há espaço para a presença de um discurso que se pretende verdadeiro e sem brechas para interpretações díspares. Ao ter seus fatos narrados por meio de um indivíduo com sérios problemas pessoais, quanto mais somos instigados a adentrar nas suas memórias, mais ficamos submergidos e aprisionados em seu verdadeiro inferno subjetivo.

Ao longo do romance, podemos verificar a amargura que Samuel Carneiro expressa por não possuir informações sobre sua origem, conjuntura que assume um caráter catalisador para que o narrador-personagem evoque suas reminiscências como uma tentativa de entendimento da sua realidade. Desse modo, recorra à escrita, mais especificamente, ao seu diário íntimo, como uma forma de ir contra o caráter depreciativo e destruidor do tempo e, consequentemente, do esquecimento.

Porém, o conteúdo expresso no seu diário, que é o coração de *O falso mentiroso*, reverbera um interior repleto de silêncios e questionamentos que guiam o narrador a não mais distinguir o que é fantasia e realidade, assim como a sanidade da loucura. Sobre o conteúdo dramatizado no diário, o pesquisador Roberto Carlos Ribeiro parte da ótica de que:

> [...] o diário de Samuel Carneiro é uma verdadeira vitrine da literatura enquanto definição de uma arte que necessita de um discurso mentiroso, inventado, fabulado, mas que ao dizer que é falso, está revelando que também é verdadeiro. As memórias da personagem dão a ele próprio e ao leitor a possibilidade de entrarem no real através do falso (RIBEIRO, 2006, p. 179).

Nesse sentido, se as memórias expressas no diário de Samuel nos possibilitam adentrar no real através de uma forma mentirosa, os relatos íntimos da personagem acabam traduzindo as mazelas e incertezas de um indivíduo psicologicamente abalado que viria a representar, por metonímia, os problemas que assolam o sujeito contemporâneo.

Além disso, a diegese se destaca por trazer para o centro de discussão a fusão entre elementos autobiográficos e autoficcionais, demonstrando, assim, uma expansão dos horizontes da literatura e uma verdadeira quebra das fronteiras estabelecidas entre o real e o ficcional.

Ao término dessa análise, evidenciamos que a narrativa de Silviano Santiago se destaca por apresentar uma grande ênfase em problematizar conceitos inerentes à representação literária e na importância atribuída ao leitor, que no momento em que entra em contato com o romance, acaba sendo confundido, desafiado e instigado a dar sentido aos inúmeros paradoxos mnemônicos narrados por um falso mentiroso.

Abstract: By analyzing the contemporary Brazilian fiction, it is possible to perceive a growing output of publications expressing concern over *the writing of the self*. As an illustrative instance of that issue, Silviano Santiago's novel *O falso mentiroso: memórias* (2004) stands out in the literary field by sheeding a light into the representation of problems related to the protagonist Samuel Carneiros' depth process of self-knowledge as well as the blurry correlation between autobiography and autofiction. To that end, the present paper aims at verifying some aesthetic elements exploited by the author in order to depict the protagonist's inner thoughts and to reflect about autobiografical and autofictional features expressed in the novel.

Key-words: *O falso mentiroso*. Identity. Autobiography. Autofiction. Silviano Santiago.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro Galas. *Trato desfeito*: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria:* literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea:* um território contestado. Vinhedo, Editora Horizonte/Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro*: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. 205 f. Tese (Instituto de Letras) – Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MIRANDA, Wander M. *Corpus escritos*. São Paulo: Edusp, 1999.

MARTINS, Anna Faedrich. *Autoficções*: do conceito teórico à pratica na literatura brasileira contemporânea. 2014. 252 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra:* aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?. In: *Novos Rumos*, ano 16, nº 35, 2001, p. 54 – 64.

RIBEIRO, Roberto Carlos. A personagem estéril de *O falso mentiroso*. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.41, n. 3, 2006, p. 177-184.

SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. Meditação sobre o ofício de criar. In: *Aletria*. V. 18. 2008, p. 173 – 179.